



DIFICULDADES VIVENCIADAS PELOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIAGNÓSTICO DE AUTISMO NO MUNICÍPIO DE BREJO DOS SANTOS-PB

DIFFICULTIES EXPERIENCED BY PARENTS AND/OR RESPONSIBLE OF CHILDREN AND ADOLESCENTS DIAGNOSED WITH AUTISM IN THE MUNICIPALITY OF BREJO DOS SANTOS-PB

*Camila Miquelly Alves de Oliveira²
Giovani Amado Rivera³
Denisy Dantas Melquiades Azevedo⁴
Anne Milane Formiga Bezerra⁵*

RESUMO: O autismo, conhecido como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ocorre devido a alteração neurológica que está presente desde os primeiros anos de vida da criança, gerando um comprometimento na interação social, comunicação verbal e não verbal, e comportamentos restritos e repetitivos. Nesse contexto, objetivou-se com este trabalho de pesquisa identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos pais/responsáveis de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) da cidade de Brejo dos Santos-PB. O trabalho trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo descritiva com abordagem quantitativa, realizada por meio da aplicação de um questionário, na cidade de Brejo dos Santos-PB. A amostra foi composta por pais e responsáveis maiores de 18 anos, de crianças e adolescentes autistas de 2 a 17 anos, totalizando 20 participantes, sendo 19 mães e 01 “outro responsável”, contando com 20 autistas, 85% do sexo masculino e 15% feminino. As principais dificuldades relatadas foram relacionadas a rotina 85%, ao preconceito e estigmas 95%, estresse 85% e custos com o portador 80%. Conclui-se que as principais dificuldades vivenciadas pelos pais e responsáveis estão relacionadas às mudanças na rotina, estresse pela sobrecarga de cuidados, preconceito da sociedade acerca do autismo, e ao alto custo das terapias.

Palavras-Chave: Autismo. Dificuldades de pais de autistas. Crianças autistas

ABSTRACT: Autism, known as Autistic Spectrum Disorder (ASD), occurs due to a neurological alteration that is present since the first years of the child's life, generating a compromise in social interaction, verbal and non-verbal communication, and restricted and repetitive behaviors. In this context, this research aimed to identify the main difficulties faced by parents/caregivers of children and adolescents with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the city of Brejo dos Santos-PB. This is a descriptive field research with a quantitative approach, carried out through the application of a questionnaire in the city of Brejo dos Santos, PB. The sample was composed by parents and caretakers over 18 years old, of autistic children and teenagers from 2 to 17 years old, totalizing 20 participants, being 19 mothers and 01 "other responsible", counting on 20 autistic children 85% male and 15% female. The main difficulties reported were related to the routine 85%, to the prejudice and stigmas 95%, stress 85% and costs with the carrier 80%. It was concluded that the main difficulties experienced by parents and caretakers are related to changes in routine, stress due to overload of care, prejudice of society about autism, and the high cost of therapies.

Keywords: Autism. Difficulties of parents of autistic children. Autistic children.

¹ Trabalho para conclusão de curso apresentado a Coordenação do Curso Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário de Patos-UNIFIP.

² Graduanda em Bacharelado de Enfermagem pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Paraíba, Brasil. Endereço para correspondência: Rua: Teodomiro José de Sousa, 158, Centro, Brejo dos Santos-PB. Email: camilamiquelly6@gmail.com

³ Psicólogo, Docente pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Mestre em Psicologia Social pela UFPB. Email: giovanirivera@fiponline.edu.br

⁴ Enfermeira, Docente pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Mestre em Ciências da Saúde pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Especialista em UTI, Enfermagem do Trabalho e Metodologias Ativas para Educação Superior. Email: denisymelquiades@fiponline.edu.br

⁵ Enfermeira, Docente pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Doutora em Ciências da Saúde pela FCMSCMSP. Email: annebezerra@fiponline.edu.br

INTRODUÇÃO

Inicialmente, ao que tudo indica, as primeiras e principais menções sobre o autismo veio dos estudos do psiquiatra Léo Kanner, da Áustria, em 1943, sendo denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, quando o mesmo observava crianças e seus comportamentos atípicos, notando prejuízos nos aspectos: relações sociais, comunicação, linguagem e comportamento. Léo Kanner ainda afirmou que os indivíduos portadores do autismo possuíam uma incapacidade inata para formarem vínculos emocionais com as demais pessoas, dependendo de um aspecto biológico (MAS, 2018).

Jesus (2021) explica que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) possui uma relação com o desenvolvimento neurológico, onde as pessoas com esse transtorno têm dificuldade de comunicação, socialização, e muitas vezes demonstram interesses restritos e estereotipados. Podendo ser classificado como leve, moderado e grave, a depender do nível de dificuldade neurológica dos sujeitos.

As causas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) são multicausais, podendo ser causado por fatores genéticos, epigenéticos e ambientais, que ligados à influência materna houve uma relação entre a ingestão de álcool, drogas, antibióticos, entorpecentes, carência nutricional, infecções, hormônios e exposição a metais pesados durante a gravidez, além da idade avançada da mãe e da presença de problemas mentais nos progenitores, aumentando assim o risco da criança ser autista (NASCIMENTO et al., 2018).

Estima-se que atualmente o Autismo atinja cerca de aproximadamente uma a cada 68 crianças, sendo que algumas projeções científicas demonstram que até 2050, haverá uma incidência de 42,7% das crianças em países desenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos, o que significa 76 mil crianças com diagnóstico confirmado. A prevalência é maior em crianças do sexo masculino, contando com 4 casos masculinos para cada 1 caso feminino, e essas estimativas vem crescendo cada vez mais em todo o mundo. No Brasil, a média de crianças autistas é de aproximadamente 4,84 milhões (ALMEIDA; NEVES, 2020).

O diagnóstico do Transtorno Espectro Autismo causa grande impacto na família, principalmente o sentimento de luto fica presente e nítido, sendo induzido pela tristeza e compreendido pelos familiares com parte de uma perda de uma criança saudável idealizada por eles, que passará a ser objeto visto com concretizado por defeitos futuros. No início da constituição da parentalidade a idealização proposta é de um bebê saudável, bonito e competente que virá ao mundo para concretizar muitos feitos. Todavia, quando se depara com uma criança que não seja esperada, a exemplo da criança autista, tem-se um doloroso processo de luto, movidos por sentimentos depressivos e inevitáveis (MACHADO; LONDERO; PEREIRA, 2018).

O presente estudo teve como objetivo principal identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos pais e responsáveis de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista da cidade de Brejo dos Santos-PB.

MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo descritiva com abordagem quantitativa, realizada por meio da aplicação de um questionário, na cidade de Brejo dos Santos, no Estado da Paraíba. A população foi formada por pais e responsáveis de crianças e adolescentes portadoras do Transtorno do Espectro Autista, da cidade de Brejo dos Santos-PB, que aceitaram participar da pesquisa.

Foram incluídos no presente estudo responsáveis maiores de 18 anos, de crianças e adolescentes autistas de 2 até 17 anos, residentes na cidade Brejo dos Santos, que concordaram em participar da pesquisa, e excluídos pais e responsáveis de autistas sem o grau de escolaridade mínimo para participar e responder a pesquisa, e/ou com alguma deficiência neurológica.

Os participantes foram informados quanto ao objetivo do estudo, bem como sobre o comprometimento diante do sigilo das informações fornecidas. Após receberem todas as informações, os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (segue anexo).

¹ Trabalho para conclusão de curso apresentado a Coordenação do Curso Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário de Patos-UNIFIP.

² Graduada em Bacharelado de Enfermagem pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Paraíba, Brasil. Endereço para correspondência: Rua: Teodomiro José de Sousa, 158, Centro, Brejo dos Santos-PB. Email: camilamiquelly6@gmail.com

³ Psicólogo, Docente pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Mestre em Psicologia Social pela UFPB. Email: giovanirivera@fiponline.edu.br

⁴ Enfermeira, Docente pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Mestre em Ciências da Saúde pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Especialista em UTI, Enfermagem do Trabalho e Metodologias Ativas para Educação Superior. Email: denismelquiades@fiponline.edu.br

⁵ Enfermeira, Docente pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Doutora em Ciências da Saúde pela FCMSCMSP. Email: annebezerra@fiponline.edu.br

A coleta de dados foi realizada nos meses de fevereiro e março de 2023, cujo instrumento utilizado foi um questionário estruturado previamente elaborado pelos autores (segue anexo), do qual foi aplicado presencialmente, em seguida analisados por meio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*; versão 26), onde análises de estatística descritiva (média, desvio padrão e frequência) e análises de estatística inferencial foram realizadas.

A pesquisa foi realizada mediante a autorização da Secretaria Municipal de Saúde de Brejo dos Santos-PB (segue anexo), levando-se em consideração os aspectos éticos em pesquisas que envolvem seres humanos, conforme descrito na

resolução nº510/2016 e 580/2018. A coleta de dados só ocorreu após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos, sob número CAEE: 63691722.4.0000.5181 e número de parecer: 5.724.321.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo que serão apresentados na primeira tabela trata-se dos dados sociodemográficos da pesquisa, descrevendo o total de participantes, quem são os respondentes, idade, quantos filhos, quantos possuem TEA, idade e sexo do portador.

Tabela 1. Descrição dos dados sociodemográficos dos responsáveis de crianças autistas, Brejo dos Santos-PB, 2023.

VARIÁVEIS		F	%
Respondente	Pai	0	0
	Mãe	19	95
	Outro responsável	1	5
Quantos filhos	1	7	35
	2	8	40
	3	5	25
Quantos com TEA	1	20	100
Sexo da criança com TEA	Feminino	3	15
	Masculino	17	85

Fonte: Dados resultantes da pesquisa

A pesquisa contou com 20 participantes, sendo 19 mães, equivalendo a 95% do número de respondentes, e apenas 01 “outro responsável” totalizando 5%, com idades variando de 19 a 53 anos ($M= 36,1$ $DP= 8,7$). Em relação as demais variáveis demográficas, 35% possuem apenas 01 filho (a), 40% 02 filhos, 25% 03 filhos, 100% dos participantes são responsáveis por 01 autista, sendo uma maioria de crianças do sexo masculino, com 85% e 15% do sexo feminino, com idades variando de 03 a 13 anos ($M= 7,1$ $DP= 3,3$).

De acordo com o estudo realizado em um Centro Especializado em Reabilitação (CER), por Reis et al. (2019), observou-se a predominância do TEA nos indivíduos do sexo masculino, sendo 77% do

sexo masculino, para 23% do sexo feminino, com uma proporção de 1 menina para cada 3,3 meninos. A pesquisa realizada por Segeren e Fernandes (2019), também houve a prevalência do sexo masculino nos portadores do TEA, contando com 340 indivíduos, sendo 73 do sexo feminino e 267 do sexo masculino.

Acerca dos questionamentos específicos foram apresentadas 10 indagações sobre as dificuldades dos pais e responsáveis de autistas, do qual houve destaque nas dificuldades relacionadas as mudanças de vida e rotina, preconceitos e estigmas, estresse por sobrecarga de cuidados e dificuldades de custo com a criança portadora do TEA.

Tabela 2. Respostas dos pais e responsáveis de crianças e adolescentes autistas acerca da rotina, jornada de trabalho, comportamento, preconceito e situações constrangedoras.

QUESTIONAMENTOS		
	RESPOSTA (SIM)	RESPOSTA (NÃO)
Após a criança ser diagnosticada com TEA, você acha que a sua rotina mudou, se tornou mais difícil ?	85%	15%
Você ou seu companheiro precisaram reduzir as horas de trabalho ou parar de trabalhar?	70%	30%
Nos últimos meses, você evitou sair ou visitar amigos e parentes por causa dos comportamentos autistas do seu filho?	45%	55%
Você acha que existe preconceito/estigmas por parte da sociedade acerca do autismo?	95%	5%
Você costuma passar por situações constrangedoras pelo fato da criança ser portadora do TEA?	80%	20%

Fonte: Dados resultantes da pesquisa

Diante dos resultados apresentados acerca do primeiro questionamento, constata-se que após a criança ser diagnosticada com TEA a vida e a rotina dos pais e responsáveis mudaram, se tornando mais difícil para 85% dos respondentes, e apenas 15% declararam que não houve mudanças significativas após o diagnóstico. Segundo Caparroz e Soldera (2022) o diagnóstico de um filho autista torna-se um dos principais desafios enfrentados pela família, relacionados aos planos e expectativas geradas sobre o futuro, mediante as limitações impostas por essa condição e a necessidade de adaptação, que exige dedicação intensa e prestação de cuidados aos filhos, como sendo fundamental. No entanto, as características clínicas da síndrome tende a afetar as condições físicas e mentais dos sujeitos, aumentando ainda mais o grau de dependência de pais e seus cuidadores. Para Lima et al. (2022) a responsabilidade decorrente do diagnóstico do TEA,

implica na família a necessidade de ajustes mediante as exigências emocionais e sociais.

O segundo questionamento aborda o tema trabalho, interrogando-os assim se precisaram reduzir as horas trabalhadas ou até mesmo parar de trabalhar para conseguir dar o apoio necessário para as crianças e adolescentes portadoras do TEA, e 70% dos respondentes precisaram sim reduzir e/ou abdicar de seu emprego por não conseguirem conciliar o trabalho com a rotina que o autismo demanda, e 30% responderam que não houve mudanças nesse quesito. De acordo com o trabalho desenvolvido por Soares et al. (2020), a rotina de trabalho de 18 mães, equivalendo a 90% dos participantes, tiveram mudanças, e dessas, 12 mães (60%) tiveram que reduzir o expediente de trabalho e 06 tiveram que largar seus empregos para prestarem assistência ao filho.

Sobre os comportamentos das crianças com TEA, apenas 45% dos responsáveis relataram que

evitaram sair ou visitar amigos e parentes nos últimos meses por conta dos comportamentos autísticos da criança, e 55% responderam que não evitam de sair, pois presam pela socialização de seus filhos. Neste aspecto, destaca-se a contribuição de Mapelli et al. (2018), o mesmo identifica que a família reconhece na criança autista certos comportamentos diferentes, quando comparados a outras crianças, principalmente em relação a interação social restrita. Entretanto, a família sente-se constrangida e aflita, sobretudo em situações em que o comportamento dos seus filhos é gerado em meio a agressividade, quando contrariados.

Já sobre a temática preconceito e estigmas, 95% dos responsáveis respondentes da pesquisa, afirmaram que ainda existe preconceitos e estigmas por parte da sociedade acerca do autismo, principalmente no ambiente escolar. De acordo com estudos realizados por Andrade (2022), as crianças autistas muitas vezes são vistas pela sociedade de forma negativa, sendo associadas e estereotipadas negativamente à doença mental, e consequentemente taxadas de pessoas incapazes e perigosas. O trabalho de Carmo et al., (2021), obteve como resultados acerca do preconceito uma grande dificuldade no acesso à educação para a criança autista, segundo os pais participantes as escolas e professores tinham um

certo preconceito com a criança portadora, não os aceitando na instituição de ensino.

A pesquisa mostrou que 80% dos pais e responsáveis respondentes relataram que costumam passar por situações constrangedoras pelo fato da criança ser portadora do Transtorno do Espectro Autista, podendo advir pela presença do preconceito por parte da sociedade acerca do TEA, principalmente nas escolas, na inclusão da criança em sociedade, e /ou por conta dos comportamentos atípicos do portador. O estudo de Barros (2022), relata que, atualmente, mesmo com todo o movimento favorável à conscientização do TEA, muitas famílias ainda sofrem pelo desconhecimento, despreparo e preconceito da sociedade. Em um depoimento expressado por uma mãe de autista, a mesma afirma que a criança não consegue respeitar as regras da escola, pois possui comportamentos agressivos, o qual é característico do transtorno, mas o que causa indignação é a falta de preparo e empatia por parte dos profissionais da escola, que culpam um aluno autista pelo seu comportamento, gerando prejuízos e sofrimento para essa criança e todos os familiares.

Na tabela 3 apresenta-se cinco questionamentos e seus respectivos resultados, Brejo dos Santos-PB, 2023.

Tabela 3. Respostas dos pais e responsáveis de crianças e adolescentes autistas sobre estresse, ansiedade, rotina, custos e diagnóstico.

QUESTIONAMENTOS		
	RESPOSTA (SIM)	RESPOSTA (NÃO)
Com toda a rotina de terapias, consultas multiprofissionais, você se sente muito estressada (o) ao final do dia/semana?	85%	15%
Após o diagnóstico do TEA na criança, você adquiriu ansiedade?	65%	35%
O pai da criança ajuda e participa de forma direta da rotina e cuidados com a criança?	55%	40%
Você passa por dificuldades para custear os cuidados e terapias da criança com TEA?	80%	20%

Houve dificuldade para você em aceitar o diagnóstico de autismo da criança?	45%	55%
---	-----	-----

Fonte: Dados resultantes da pesquisa

Ao serem questionados sobre estresse, 85% dos respondentes afirmaram se sentir muito estressados ao final do dia/semana, por conta da alta demanda de cuidados que a criança autista necessita, além de diversas consultas multiprofissionais e terapias ao longo da semana, e 15% responderam que não se sentem estressados. Para Kíquio e Gomes (2018), as mães de crianças autistas são as mais afetadas pelo estresse, por muitas vezes terem que abdicar de suas atividades diárias, emprego e até vida social, vivenciando sentimentos de isolamento e frustração, por conta da rotina e sobrecarga resultante dos cuidados destinados ao portador do TEA. Um estudo realizado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, relatou que no momento da pesquisa 75% das mães participantes apresentaram estresse, com sintomas predominantemente do tipo psicológico. Ao serem questionadas sobre o estresse, 60% afirmaram que sempre se sentem estressadas, 30,4% que às vezes se sentem estressadas e apenas 4,34% negaram estresse, e ainda declararam que é bastante estressante sair com a criança autista e as pessoas ficarem olhando e fazendo comentários, que se irritam com facilidade, e que muitas vezes não conseguem dar de conta de todas as responsabilidades (CHRISTMANN et al., 2018).

Acerca da temática ansiedade, 65% afirmaram que adquiriram ansiedade após o diagnóstico de autismo da criança, por terem que lidar com medos, inseguranças, mudanças drásticas, preconceitos, e 35% negaram o transtorno. Marques et al., (2021), aponta que o diagnóstico de autismo afeta tanto o portador como os familiares, principalmente os cuidadores, causando preocupações, medo, culpa, angústia, e consequentemente sinais e sintomas corporais, como dores de cabeça e musculares, tensão, fadiga. Mães de portadores do Transtorno do Espectro Autista geralmente apresentam problemas de saúde mental e uma má qualidade de vida comparando com mães de crianças não autistas (KULASINGHE et al., 2021). E segundo Bitsika e Sharpley (2020), altos níveis de estresse, ansiedade e depressão, de pais e mães de portadores do TEA, estão sendo relacionados aos problemas comportamentais de seus filhos. De Souza et al., (2021), realizaram um estudo com 29 mães de crianças e adolescentes autistas, do qual foi afirmado que 26,1% apresentavam ansiedade e 17,4% depressão

em nível clínico, ultrapassando a prevalência global de depressão e ansiedade, que é de 4,4% e 3,6%, respectivamente, de acordo com a OMS 2017.

Sobre o questionamento relacionado aos cuidados e assistência parterna, 40% das mães respondentes relataram que o filho autista não contava com o apoio direto do pai, e 55% afirmaram que os pais participavam de toda a rotina e cuidados da criança portadora do TEA. Ainda há uma grande escassez de pesquisas que abordem cuidados paternos à crianças com deficiências, e para Silva, Vieira e Schneider (2016), o envolvimento do pai de crianças autistas no contexto familiar depende de diversos fatores, como as características do seu filho, do contexto o qual estão inseridos e do período histórico, e são esses fatores unidos que irão definir a intensidade do envolvimento do pai com a criança com TEA. Na pesquisa realizada por Portes e Vieira (2020), algumas mães que participaram do estudo relataram queixas sobre a desigualdade na divisão de tarefas, e que os parceiros não se envolvem o suficiente nos cuidados com o filho, as deixando sobrecarregadas, cansadas e estressadas.

Dando sequência, os portadores do TEA necessitam de uma grande atenção por parte de seus responsáveis e também de um apoio especializado, por meio de consultas multiprofissionais, terapias, exames, medicamentos (se necessário), para que esse portador possa desenvolver suas capacidades e habilidades em um tempo hábil, com o menor número de prejuízos cognitivos, pessoais, e interpessoais, mas nem todos os municípios contam com uma rede de assistência completa e com suporte para todos os que carecem. 80 % dos responsáveis que participaram da pesquisa afirmaram que passavam por dificuldades financeiras para custear todos os cuidados que o autista demandava, alguns alegaram que ainda não possuíam o benefício destinados aos portadores do TEA, e outros que já possuíam o auxílio afirmaram que muitas vezes o valor era insuficiente para o custeio de todos os gastos mensais da criança. Na mesma linha de raciocínio, Côrrea et al., (2020) concluem que o tratamento dos indivíduos com autismo é de grande importância para sua evolução cognitiva e motora, por meio de acompanhamento multidisciplinar com profissionais especializados, como o pedagogo,

psicólogo, fonoaudiólogo, ed. físicos e com medicamentos.

De acordo com os resultados de uma pesquisa realizada por Carmo et al., (2021), grande parte das famílias entrevistadas relataram que o momento do diagnóstico foi um impacto para todos do âmbito familiar, um momento delicado e desafiador, pois muitos nem conheciam sobre o transtorno, evidenciando sentimentos de tristeza, angústia, depressão, descrença e negação. Já na pesquisa realizada no município de Brejo dos Santos-PB, apenas 45% dos pais e responsáveis participantes relataram dificuldade em aceitar o diagnóstico e 55% afirmaram que não tiveram dificuldade nenhuma para aceitar o autismo na criança, pois já eram conhecedores da síndrome, sabiam da existência dos tratamentos e que o portador poderia levar uma vida normal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da coleta conclui-se que as principais dificuldades vivenciadas pelos pais e responsáveis de portadores do TEA foram as grandes mudanças em suas rotinas, pois para conseguirem suprir todas as necessidades da criança autista muitos tiveram que reduzir horas de trabalho ou até parar de trabalhar, e como resultado dessas mudanças e sobrecarga na vida dos pais e responsáveis, a grande maioria afirmou que se sentiam muito estressados ao final do dia e da semana, pois o portador de TEA demanda uma grande atenção e cuidado por parte de seus cuidadores. Outra dificuldade relatada foi para custear todos os gastos que a criança necessitava, como consultas, terapias, exames, medicamentos, pois ainda há famílias que não foram beneficiadas com o auxílio governamental destinado às crianças com TEA, e mesmo as que já possuíam esse auxílio declararam que muitas vezes o valor se tornava insuficiente para os gastos mensais da criança.

O estigma e preconceito da sociedade acerca do autismo, segundo os respondentes, ainda é uma grande dificuldade a ser enfrentada pois, infelizmente, está bem presente no município, e por falta de informação, conhecimento e até empatia, muitas pessoas julgam principalmente os comportamentos autísticos da criança, os excluindo de algumas atividades sociais, até

nas escolas, gerando situações constrangedoras tanto para a criança quanto para sua família.

Portanto, projetos e pesquisas futuras devem ser realizadas com o intuito de um maior conhecimento da sociedade acerca das dificuldades que os responsáveis, principalmente as mães de autistas, vivenciam nos dias atuais, favorecendo assim a criação de outras políticas públicas e benefícios para os portadores e seus responsáveis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Máira Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia?. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>. Acesso em: 10 nov 2022

ANDRADE, Raquel Barcelos de. **Estereótipos e preconceito contra pessoas com transtorno do espectro autista**. 2022. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15945>. Acesso: 13 março 2023.

BITSIKA, V., & Sharpley, C. F. (2020). Age-related differences in the association between autistic sons' challenging behaviour and maternal anxiety and depression: implications for counsellors. **British Journal of Guidance and Counselling**, 48(3), 406–417. <https://doi.org/10.1080/03069885.2020.1750561>. Acesso: 28 abr 2023

CAROLINA LEITE BARROS; ALINE BURGUEZ SANTIAGO NODARE. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: OS DESAFIOS DA PESSOA COM AUTISMO E SUA FAMÍLIA. **REVISTA CIENTÍFICA INTELLETO**, [S. l.], v. 5, n. ESPECIAL, 2022. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/revista-intellecto/article/view/206>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CAPARROZ, J.; SOLDERA, P.E.S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal**, v. 3, n. 1, p. 33-44, jan-abril, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i1.142>. Acesso em: 15 fev 2023.

CHRISTMANN, M.; MARQUES, M. A. de A.; DA ROCHA, M. M.; CARREIRO, L. R. R. Estresse materno e necessidade de cuidado dos filhos em TEA na perspectiva das mães. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2018. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11309>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CARMO, WLNC et al. Diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em crianças e os impactos no âmbito familiar: análise de nuvens de palavras e similitude. **Brazilian Journal of Development, Curitiba**, v. 7, n. 6, 2021. DOI:10.34117/bjdv7n6-665. Acesso em: 09 maio 2023.

CÔRREA, Vanessa P.; GONZALES, Ana I.; BESEN, Eduarda; MOREIRA, Emanuelle; CUNHA, Josiane da; PAIVA, Karina Mary; HAAS, Patricia. **Impacto do exercício físico no transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática**. R. bras. Ci. e Mov 2020;28(2):89-99. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/11/1128235/impacto-do-exerciciofisico-no-transtorno-do-espectro.pdf>. Acesso em: 25 abr 2023.

DE LIMA REIS, Deyvson Diego et al. Perfil epidemiológico dos pacientes com Transtorno do Espectro Autista do Centro Especializado em Reabilitação. **Pará Research Medical Journal**, v. 3, n. 1, p. 0-0, 2019. Disponível em: DOI: 10.4322/prmj.2019.015. Acesso: 22 maio 2023.

DE SOUZA, Erica Teles et al. Efeito Preditivo de Características Comportamentais sobre Ansiedade e Depressão em Mães de Crianças com Autismo Predictive Effect of Behavioral Characteristics on Anxiety and Depression in Mothers of Children with Autism. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 79978-79992, 2021. Disponível em: DOI:10.34117/bjdv7n8-286. Acesso em: 25 abr 2023.

JESUS, Nayane Barbosa de. Educação inclusiva e o transtorno do espectro autista (TEA): desafios na atualidade. 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/2188>. Acesso em: 08 out 2022.

KIQUIO, Thaís; GOMES, Karin. O Estresse familiar de crianças com transtorno do espectro do autismo.

Revista de iniciação científica UNESC, vol.16, n.1, p.1-12, 2018. Disponível em: www.periodicos-capes.gov.br. Acesso em: 20/04/2023.

KULASINGHE, K., Whittingham, K., & Mitchell, A. E. (2021). Mental health, broad autism phenotype and psychological inflexibility in mothers of young children with autism spectrum disorder in Australia: A cross-sectional survey. *Autism*, 1362361320984625. <https://doi.org/10.1177/1362361320984625>. Acesso: 28 abr 2023.

LIMA, A.P. et al. A Família da Criança com o Transtorno Espectro Autista (TEA). **Id on Line Rev. Psic.** v.16, n. 60, p. 15-27, maio/2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/online.v16i60.3421>. Acesso em: 15 fev 2023.

MAS, Natalie Andrade. **Transtorno do Espectro Autista—história da construção de um diagnóstico**. 2018. 103 f. 2020. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-191739/publico/mas_me.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

MACHADO, M.S.; LONDERO, A.D.; PEREIRA, C.R.R. Tornar-se família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. **Contextos Clínicos**, v.11, n.3, p.335-350, set.-dez., 2018. Disponível em: 10.4013/ctc.2018.113.05. Acesso em: 20 jan 2023.

MAPELLI, L.D. et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Esc Anna Nery**, v.22, n.4, p.20180116, 2018. Disponível em: 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116. Acesso em: 05 maio 2022.

MARQUES VG, et al. Transtorno do espectro autista: o impacto na dinâmica familiar e as habilidades no cuidado. **Revista Eletrônica AcervoSaúde**, 2021; 13(10):e9036. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e9036.2021>. Acesso em 28 abr. 2023.

NASCIMENTO, A. C. E. et al. Influências biológicas e ambientais do transtorno do espectro autista e suas repercussões psicossociais. **CIPEEX**, v. 2, p. 1063-1073, 2018. Disponível em: v. 2 (2018): III CIPEEX -

Ciência para a redução das desigualdades. Acesso em: 08 out 2022.

PORTES, João Rodrigo Maciel; VIEIRA, Mauro Luís. Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020. Disponível em: 10.4025/psicolestud.v25i0.44897. Acesso em: 14 maio 2023.

SEGEREN, Leticia; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Caracterização de um serviço de referência no atendimento fonoaudiológico a indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Audiology-Communication Research**, v. 24, 2019. Disponível

em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2019-2176>
Acesso: 22 maio 2023.

SILVA, M. L. I., Vieira, M. L., & Schneider, D. R. (2016). Envolvimento paterno em famílias de criança com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, 36(90), 66-85. Acesso em: 14 maio 2023.

SOARES, Ana Pricila Teixeira et al. Transtorno do Espectro Autista (TEA): Conhecimento e Sobrecarga dos Pais. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 8, n. 3, p. 09-16, 2020. Disponível em: [10.18316/sdh.v8i3.6971](https://doi.org/10.18316/sdh.v8i3.6971). Acesso em: 13 março 2023.